

TELENOVELA E RECEPÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O PÚBLICO MASCULINO UNIVERSITÁRIO

TELENOVELA AND RECEPTION: A STUDY OF UNDERGRADUATE, MALE STUDENTS AUDIENCE

Alessandra Pinto de CARVALHO¹; Andreza Patricia Almeida dos SANTOS²

Resumo: Espaço privilegiado para se pensar a cultura brasileira, a telenovela se destaca como fonte inesgotável de apropriações. Cientes da importância de se entender os usos feitos por diversos segmentos sociais, geracionais e regionais, este ensaio explora – a partir de uma abordagem etnográfica baseada na análise de Gluckman e da aplicação de questionário de hábitos televisivos e consumo de telenovela – um pouco da relação estabelecida entre a telenovela e o público masculino universitário. Analisamos como, em um universo acadêmico, se constroem formas de interação e de amizade a partir desse formato televisivo.

Palavras-chave: Telenovela; Recepção; Etnografia; Homens; Universidade.

Abstract: *Privileged space to think about brazilian culture, telenovela stands out as an inexhaustible source of appropriations. Aware of the importance of understanding the uses made by various social, generational and regional segments, this essay explores – from an ethnographic approach based on Gluckman's analysis and the application of a questionnaire of television habits and soap opera consumption – a little of the relation established between telenovela and the university male audience. We analyze how, in an academic universe, forms of interaction and friendship are constructed from this television format.*

Keywords: *Telenovela; Reception; Ethnography; Men; University.*

¹ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2003), mestra em Comunicação Científica e Tecnológica pela Universidade Metodista de São Paulo (1996), graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (1993). Professora associada do curso de jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro desde 2010. E-mail: alesscar@gmail.com.

²Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e bacharela em Jornalismo também pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atualmente, é doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo. E-mail: andrezapas@usp.br.

Introdução

Dentre os produtos que constituem o leque da produção televisiva brasileira, a telenovela é, até então, o gênero de maior destaque. Com uma narrativa nacional e popular, que orienta o consumo e inspira novas formações de identidade (LOPES, 2003), a telenovela marca presença na vida das pessoas – mesmo daquelas que não a assistem – na medida em que cria certa pauta reguladora das intersecções entre vida pública e privada. É comum encontrar discussões acerca de seus enredos em páginas de jornais e revistas impressas ou online, além de programas de televisão especializados no assunto. O fenômeno é tão grande que o formato já é considerado por muitos autores³ como fonte privilegiada para o estudo sobre a cultura e a sociedade contemporânea brasileira.

No que se refere à pesquisa, porém, a maioria dos estudos voltados à recepção centra-se na leitura feita pelas e sobre as minorias, ou seja, mulheres, adolescentes, imigrantes, homossexuais ou índios (JACKS & SILVA, 2009). Não parece haver uma preocupação em se tratar a relação estabelecida entre a telenovela e a recepção pelo público masculino, muito embora eles também se constituam como telespectadores fiéis desse tipo de produção ficcional seriada. Prova disso é que, de um total, das 24 pesquisas sobre recepção desenvolvidos nos programas de Pós-Graduação em Comunicação na última década, apenas duas são a partir de recepção de homens (SILVA & JOHN, 2016).

Nessa esteira, a necessidade de realizar um estudo sistematizado sobre público masculino surgiu com a tentativa de explorar e compreender uma situação que nos chamou atenção no setor dos alojamentos estudantis na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tal peculiaridade é a presença constante de maior número de telespectadores do sexo masculino na sala de TV do prédio de dormitórios femininos no horário das novelas. O local é um ambiente razoavelmente grande e bem movimentado⁴, constituído por cinco grandes bancos de madeira que ficam em frente a uma televisão de 32 polegadas.

³Martín-Barbero, Nilda Jacks, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Ana Carolina Escostesguy e Maria Ataíde Malcher são exemplos de autores que consideram o formato para além de sua funcionalidade de difusão de conteúdos.

⁴Uma vez que – além de dar acesso ao alojamento feminino F1 – o espaço também comporta as copiadoras do Departamento de Zootecnia (DAZ) e do Departamento de Engenharia Florestal (DEF).

Assim, a presente pesquisa busca avaliar os processos de negociação de sentidos entre o público masculino da UFRRJ e a telenovela. Exploraremos – pela fusão de pesquisa etnográfica baseada em um caminho metodológico aberto por Max Gluckman e aplicação de questionário – os usos que homens fazem do formato em um contexto universitário. A pergunta que, então, nos impulsiona é: Quais os usos que os homens universitários fazem da telenovela? Existirão processos comuns que os une em suas particularidades?

Um pouco sobre telenovela, recepção, metodologia e público masculino

Metáfora da nação brasileira, a telenovela ganha destaque por suas inesgotáveis possibilidades de apropriações e usos (MOTTER, 2004), que lhe garantem uma ampla repercussão em nosso país. Negociando, a todo o tempo, sentidos e conteúdos com seu telespectador, elas também se sobressaem por seu caráter mobilizador, que muitas vezes ultrapassa o controle da própria produção.

Muito além do entretenimento, a telenovela se transformou em uma ferramenta poderosa no processo de identificação cultural, na medida em que seus dramas são geralmente compostos por histórias da vida real que tiveram algum impacto na sociedade. Assim, a partir do momento em que se apropria da realidade, levando as pessoas a se identificarem a partir dos personagens, o formato sai da esfera do lazer para constituir-se em uma “importante formadora de opinião, capaz de criar agendas, sustentar ou derrubar tabus e propor novos olhares para um universo social dinâmico e plural” (CARRETEIRO, 2011, p. 6).

Cientes desse contexto, os estudos de recepção brasileiros, fortemente marcados pela influência dos estudos culturais latino-americanos (ESCOSTESGUY, 2002), voltam seu foco para a ação do indivíduo frente aos produtos dos meios de comunicação. No que se refere à telenovela, Jacks & Silva (2008) destacam que dez trabalhos demonstram o percurso feito pelas pesquisas nesta área. À diferença da década de 1990, em que as pesquisas remetiam ao texto da telenovela, com foco na mensagem, na virada da primeira metade dos anos 2000, os trabalhos passaram a abordar questões relativas à identidade nacional e étnica (racial, indígena e de imigrantes), à religião, ao amor romântico, a temas de cunho social, ao contexto rural e à homossexualidade, de

modo que questões de identidade e de gênero têm ganhado espaço no que se refere aos estudos de recepção contemporâneos.

Desta feita, na tentativa de adensar o debate sobre o tema, ainda poroso e inconsistente em nosso país (JACKS, 2008) – e cientes da necessidade de melhor entender as apropriações feitas por diversos segmentos sociais, culturais, geracionais e regionais – este ensaio busca pensar acerca da receptividade da telenovela por parte de um público masculino universitário. Sabemos que uma série de elementos – como a inclusão de temas políticos em seus enredos (ALMEIDA, 2002) ou mesmo mudanças no próprio papel social do homem e da mulher em nossa sociedade (SOUZA, 2012) vêm levando a uma maior relativização da feminilização das novelas.

Assim, a fim de realizar o esforço de análise de uma situação social específica e multifacetada, a saber, de um ambiente universitário onde convivem estudantes de diversas regiões do país, tomamos por inspiração a abordagem metodológica de Max Gluckman (1986), que confere especial ênfase ao potencial analítico concentrado em uma situação social específica como âncora reflexiva de situações micro e macro. Retomando uma das descrições de Gluckman:

Os eventos ocorridos na ponte Malungwana – que foi planejada por engenheiros europeus e construída por trabalhadores zulus, que seria usada por um magistrado europeu governando os zulus e por mulheres zulus indo a um hospital europeu, que foi inaugurada por funcionários europeus e pelo regente zulu numa cerimônia que incluiu não somente europeus e zulus, mas também ações historicamente derivadas das culturas européia e zulu – devem ser relacionados a um sistema no qual, pelo menos uma parte, consiste de relações zulu-européias (GLUCKMAN, 1986, p.239).

Tal como Gluckman encontrou na análise de uma série de eventos complexos – principalmente relacionados à cerimônia de inauguração de uma ponte – um meio de se pensar a relação entre brancos e zulus dentro de um mesmo sistema social; também encontramos nós – na diversidade daqueles estudantes em uma situação social específica – um modo de se pensar a comunidade ruralina que, numa escala maior, não deixa de dialogar com uma nação imaginada brasileira (ANDERSON, 2009).

Inicialmente, devemos salientar que o fato de partilharem com milhares de telespectadores o mesmo hábito de, diariamente, assistirem, num mesmo horário, o desenrolar dos episódios da telenovela (LOPES, 2002) demonstra que, de maneira conjunta, esses estudantes e todos os demais telespectadores formam uma única comunidade imaginada brasileira com modos específicos de comportamento

(GLUCKMAN, 1986). Apesar de inter-relacionada, contudo, a comunidade ruralina – que inegavelmente tem suas peculiaridades – pode, até certo ponto, ser tratada de maneira separada. Para fins de análise, dividiremos, tal como fez Gluckman, nossa análise em dois grupos distintos: o grupo da Sala de TV e o grupo do Alojamento.

Além disso, seguindo algumas pistas deixadas por Mallinowski (1984) em seu clássico “Argonautas do Pacífico Ocidental”, articularemos nossa pesquisa de campo com alguns dados estatísticos coletados a partir da aplicação de um questionário com 15 perguntas fechadas⁵. Neste questionário foram abordadas as práticas de consumo midiático dos universitários, a relação deles com a televisão e a telenovela, de modo que fosse possível realizar um reconhecimento inicial do objeto de estudo. Assim, voltado para as práticas de consumo midiático dos universitários e para a relação deles com a televisão e a telenovela, o questionário permitiu alcançar uma visão mais ampla desses estudantes – tal como idade, curso, estado de origem – algo que a pura observação de campo não seria capaz de captar (MALINOWSKI, 1984).

Desse modo, nossa amostra foi organizada a partir da categoria universitária, sendo que nos coube estudar especificamente o público masculino que estuda e mora na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e assiste às telenovelas. O grupo é composto de aproximadamente 30 estudantes, sendo que raras vezes eles se encontram todos juntos, até mesmo por questão de horário e cursos diferentes. Assim, buscamos ouvir os mais assíduos no local, somando o total de 15 alunos. Também fizemos trabalho de campo e entrevistamos 15 alunos do alojamento que assistem à televisão em seus quartos. O objetivo foi verificar se havia diferenças nos modos e engajamentos desses estudantes com a telenovela.

Fazendo etnografia na Sala de TV

Tal como Gluckman (1986) fez em sua análise de uma situação social na Zululândia Moderna, abaixo apresentamos uma amostra típica e ideal de vários momentos que pudemos presenciar ao longo dos capítulos de *Império*. Ocorridas, não

⁵ Como se sabe, os preceitos de pesquisa de Malinowski – que enfatizam a necessidade de se coletar evidências baseadas em documentação estatística concreta e na descrição dos imponderáveis da vida real – tornaram-se marca da Antropologia britânica (FELDMAN-BIANCO, 1987), da qual o próprio Gluckman faz parte.

necessariamente nessa ordem (GLUCKMAN, 1986), elas representam, no todo, parte de uma série de 14 dias não seguidos que assistimos como observadora, sem qualquer aviso prévio aos frequentadores da Sala de TV.

Assim, os trechos que se seguem tratam de notas coletadas durante o processo etnográfico da pesquisa. Nelas, apresentamos informações extraídas durante o processo de imersão no campo e anotadas em nossos *notebooks* simultaneamente ao momento em que aconteciam. Durante esse processo, algumas fotos foram tiradas, sendo a imagem abaixo representativa da presença masculina naquele ambiente feminino, onde – ao fundo – dividimos o espaço unanimemente ocupado por oito rapazes que se rendiam às cenas da novela *Império*.

Por fim, mas não menos importante, é válido destacar que, na medida em que avançamos com a análise, também passamos a mesclar dados coletados com os rapazes a partir da aplicação de questionário, bem como de nossa própria experiência como moradoras do local por quatro anos. Essa tripla articulação nos permitirá iluminar alguns elementos que podem contribuir para o entendimento dessa prática estabelecida e vivenciada por esses estudantes e que, numa esfera mais ampla, reflete um gosto nacional.

01 de outubro de 2014. Chegamos à Sala de TV a tempo de acompanhar o final do Jornal Nacional. Eram 21h20 quando a abertura de *Império* começou. Como de costume, sentamos no último dos bancos, ligamos o notebook e, discretamente, fomos fazendo dele nosso próprio diário de campo. Ali permanecemos, assim como em todos os demais dias, como se fôssemos qualquer estudante a desfrutar das possibilidades que o ambiente oferece.

De fato, ao longo de quatro anos como moradoras do alojamento F1, já havíamos percebido que o horário da novela das 21h era quando o ambiente tinha um maior fluxo de pessoas. Como aquele era um caminho por onde passávamos todos os dias, acostumadas estávamos em ver ali algumas figuras sempre em frente à televisão, bem como a sermos reconhecidas como moradoras locais. Por outro lado, aqueles dias como observadoras participantes nos permitiam reparar em detalhes e situações que um olhar mais despercebido não consegue captar. Percebemos, diante de articulações variadas entre estudantes com diferentes sotaques, modos de se vestir e de se comportar,

distintas apropriações feitas diante de um mesmo formato: a telenovela do horário nobre.



Imagem 1. Sala de TV da UFRRJ

No detalhe, uma das pesquisadoras – ao fundo – observando rapazes que assistiam à telenovela *Império*.
Fonte: Arquivo pessoal.

Quando a novela começou, às 21h20, já observávamos o ambiente há aproximadamente quinze minutos. Como de costume, o fluxo era constante e pessoas iam e vinham de um lado para o outro. Durante a exibição da abertura da novela, havia cinco homens e três mulheres, contando conosco. Dentre os rapazes, reparamos que quatro estavam sozinhos, cada um em seu canto, sendo que um – o primeiro a chegar – ainda oscilava entre a TV e o *notebook*. O quinto rapaz estava acompanhado de sua namorada e da colega de quarto dela, que aparentemente saiu para buscar água nos alojamentos. Não demorou muito para que essa moça se despedisse dos amigos e fosse embora.

O ambiente estava relativamente silencioso. O casal, abraçado, assistia à novela em silêncio, enquanto os rapazes discretamente observavam as cenas. Já havia percebido que dificilmente os rapazes interagem entre si, o que acontecia somente quando iam acompanhados de amigos ou encontravam conhecidos no local, ou quando a cena era dramática ou cômica demais. Para nossa surpresa, às 21h32, chega outro rapaz com seu *notebook* e se senta ao nosso lado. Percebendo que já nos conhecíamos

de vista, sentimos que ele ficou meio desconcertado, mas permaneceu no local até nossa saída. Às 22h04, a última moça – a que estava com o namorado – se despede do rapaz, que continuou assistindo à TV.

Chega, então, mais um rapaz, que se senta à nossa frente. Nunca tínhamos o visto antes e parecia não morar no alojamento. Assim que entrou, olhou para trás e, demonstrando certa curiosidade em relação à nossa presença, perguntou se o *wi-fi* estava funcionando. Avisamos que não e, em sinal de agradecimento, nos deu uma piscadela⁶. Mesmo sem internet continuou no local até o fim da novela.

Aquele momento foi o ápice da noite. Eram sete rapazes e apenas nós de mulher. Às 22h15, a namorada do rapaz voltou e ficou abraçada com ele. Cinco minutos depois, uma garota que não tinha aparecido até então chegou e ficou abraçada com um dos rapazes que acompanhavam a novela. Eles trocaram alguns beijos e vinte minutos depois foram embora. Aquele era o segundo casal que passava pelo local desde a nossa chegada. Às 22h27, o segurança da guarita também chegou. Diferentemente dos outros garotos, que sozinhos assistiam contidos às cenas, o segurança demonstrava estar aproveitando o momento e não tinha vergonha de dar gargalhadas que gerava olhares curiosos.

É interessante observar as diferentes posturas das pessoas diante da prática de assistir à televisão. Ao longo daqueles dias, vimos muitas pessoas irem e voltarem, outras oscilarem entre a internet e a TV ou ainda ficarem conversando durante as cenas. Percebemos pessoas mais atentas e que demonstravam estar ali para assistir ao conteúdo e outras que pareciam estar ali apenas para passar o tempo. Observamos pessoas ao telefone, conversando com amigos, namorando ou tentando namorar; pessoas com diferentes sotaques, modos de se vestir e de se comportar, mas todas unidas pela telenovela.

No meio das conversas que, discretamente, conduzíamos com os rapazes, percebemos que – assim como notou Gluckman sobre as diferentes razões que levavam a comparecerem à inauguração de uma ponte – inúmeros também eram os motivos e interesses que causavam a presença de diferentes estudantes na sala de TV, sendo igualmente múltiplas as posturas e engajamentos que eles mantinham com o formato. A

⁶ Depois daquele primeiro encontro, o rapaz frequentou a Sala de TV por mais três dias, durante o tempo em que permanecemos como observadora de campo.

título de ilustração, houve quem destacasse o interesse pelas temáticas da ficção e sua proximidade com o cotidiano; outros relataram que a fuga dos trotes e/ou a falta de televisão no quarto era o principal motivo para freqüentarem a Sala de TV, ao passo que as possibilidades de interação com outras pessoas também foi um fator também ressaltado por eles.

A novela acabou às 22h36, com sete homens e duas mulheres (contando conosco), além dos três rapazes que ficaram nos cantos mexendo em seus *notebooks*. Terminada a novela, recolhemos nosso *notebook* e fomos embora.

Em confluência com o pensamento de Gluckman (1986), portanto, argumentamos que longe de uma mistura aleatória de pessoas circulando em um ambiente qualquer, a situação vivenciada na Sala de TV é reflexo de relações entre agentes sociais interdependentes, cujos modos de relação se fazem visíveis naquele evento específico, onde temos homens que assistem à telenovela em um ambiente do alojamento feminino F1. Desta feita, uma vez que o antropólogo aciona os elementos de uma etnografia de longa duração a serviço de uma análise de uma dada situação particular, também fazemos uso de nossos conhecimentos sobre o local e as vivências ali estabelecidas de modo a extrair daquela dada situação particular reflexões sobre o conjunto de relações ali configuradas situacionalmente (GLUCKMAN, 1986).

A uma primeira vista podendo parecer um costume normal de jovens ou um momento aleatório de pessoas que por ali passaram e se entretiveram com o assunto, a ligação entre aqueles estudantes com a telenovela é algo realmente já estabelecido entre eles. Com o passar dos anos, percebemos que, mais do que jovens que estão ali por acaso, o que se observa no local são homens que gostam e, com frequência, assistem às telenovelas em um ambiente público. Seja no horário da tarde ou mais à noite, esses “noveleiros” que já fazem parte da sala de TV acabam se encontrando e, ainda que sem trocar palavras, partilhando do mesmo gosto. Era interessante passar pelo local, na ida ou volta para aula, e observar aquele espaço sempre permeado de rostos femininos e masculinos, aparentemente tão diferentes em semblantes e, possivelmente em cursos, sendo unidos pela telenovela.

Ao longo de nossa trajetória de quatro anos no alojamento, pudemos presenciar uma constante troca de público naquele espaço de convivência, onde os estudantes, muitas vezes com a desculpa de acessar a internet, acabam se rendendo ao conteúdo da

televisão. Vimos pessoas chegando e outras deixando de frequentar o local. Pudemos perceber que alguns iam sozinhos e ficavam quietos, outros iam acompanhados e comentavam as cenas entre si; uns buscavam uma interação com quem está ao seu lado, outros não; mas o que mais nos surpreendeu foi perceber como aquele grupo gostava de assistir à telenovela naquele ambiente.

Voltando-nos para o que já presenciamos no local, impossível não recordar de alguns momentos marcantes, geralmente vividos em capítulos finais de novelas das 20h, em que a sala ficava lotada ao ponto de as pessoas, grande parte homens, ficarem de pé acompanhando cada cena. Como nos esquecer do final de *Avenida Brasil* ou mesmo a revelação do personagem Felix, em *Amor à Vida*, em que as pessoas partilhavam da mesma emoção?

Em toda nossa história no alojamento, podemos dizer que apenas vimos momentos como estes em jogos da Copa do Mundo e, algumas vezes, jogos decisivos do campeonato brasileiro. Nestes momentos, o sentimento de unidade toma conta das pessoas e a impressão que se tem é a de que estão todos no “mesmo barco”. Diferentemente do que acontece no dia-a-dia, em que as pessoas ficam mais retraídas e não compartilham com o outro o que sentem, em dias especiais todos acabam se empolgando e dividindo suas emoções com quem está ao lado.

Apesar desse sentimento de unidade e identificação nacional que a telenovela e o futebol tendem a despertar em nós, brasileiros, é fato que assumir que se gosta de assistir a este gênero já consolidado entre as mulheres é para os homens, ainda hoje, certo tabu. Nos contatos que tivemos durante a graduação, inúmeros foram os rapazes que conhecemos que consomem este tipo de formato, porém poucos os que assumem realmente o gosto por ele. Dentro da sala de aula, ou mesmo com rapazes do alojamento com quem mantemos contato, conhecemos pessoas que não perdiam um capítulo, outras que diziam assistir apenas por falta de opção. No próprio alojamento, conhecemos rapazes que assistem ao formato em seus quartos e outros que preferem ir à sala de TV se reunir com os demais.

No caso da Sala de TV, com 40% de noveleiros assumidos⁷, notório é o fato de que 73,3% dos entrevistados não possui TV no quarto de alojamento⁸; e também 60%

⁷ Número pequeno se comparado com a observação etnográfica, que mapeou a presença constante de público masculino no horário da telenovela.

dos estudantes são moradores de outros estados e de cidades do interior do Rio de Janeiro. Nesse sentido, levando em consideração que muitos ficam meses sem voltar para casa, é possível entender o hábito dos estudantes de frequentarem a sala de TV no horário da novela. Além de um costume que carregam de casa (78,6%), afinal, como nos aponta Martín-Barbero (2001), a família é uma importante mediação na América Latina como um todo, o ambiente ainda oferece possibilidades que podem, inclusive, ter como gancho a telenovela. Não nos esqueçamos que naquele espaço eles têm a possibilidade de paquerar, comentar sobre as cenas nas redes sociais e até fugir do trote que sofrem em seus quartos.

Desta forma, ainda que sem interação direta com aqueles que estão assistindo TV, os rapazes que ali frequentam acabam encontrando um ambiente propício para se distraírem de seus problemas e responsabilidades, sem ter que se deslocar do local onde moram ou mesmo pagar por isso. Sendo, portanto, um espaço conveniente para encontrar amigos ou mesmo conhecer pessoas novas, é comum eles se dispersarem ao longo das cenas.

Um ponto interessante, contudo, foi o fato de apenas um entrevistado que frequenta a Sala de TV apontar que vê televisão naquele local por conta da internet. Estando a grande maioria sempre com o *notebook* no colo durante a exibição dos capítulos, é interessante que os outros 14 tenham ignorado o hábito já consolidado entre eles. Certamente que a falta de lazer e o afastamento de Seropédica do centro urbano podem explicar, em parte, estas respostas, mas não justificam a presença assídua dos rapazes em frente à TV no horário da novela, mesmo porque, assim como assistindo à novela, eles poderiam estar fazendo qualquer outra coisa, como usando a internet, por exemplo.

No que tange à cultura familiar e a relação do estudante com o formato, 78,6% dos entrevistados responderam que já assistiam à novela antes de vir para a Rural, sendo que 93,3% também afirmaram que a família ou mesmo as pessoas do convívio têm o hábito de assistir. Destes, 61,5% disseram que tinham, inclusive, o hábito de assistir com a família. Assim sendo, é válido ressaltar aqui como a convivência familiar se faz presente no hábito dos estudantes, que chegaram, inclusive, a declarar que o hábito de consumo já vem de casa.

⁸ Ou seja, 11 dos 15 entrevistados.

Por fim, notório é o fato de que, apesar de 60% dos rapazes ter negado que assiste à novela, apenas um dos 15 entrevistados (6,7%) respondeu que o gênero é coisa para mulher, sendo justamente este o rapaz mais assíduo na Sala de TV durante os dias de pesquisa de campo⁹. Assim, ainda que 40% dos entrevistados tenham afirmado que conversa sobre novela no dia-a-dia; 73% respondeu que acreditam que o formato influencia no comportamento das pessoas e 66,7% assumido que já pegaram o bordão de algum personagem, considerável ainda é a parcela de estudantes que assistem à novela na Sala de TV e não assumem.

Adentrando o Alojamento

Diferente da Sala de TV, que é um espaço aberto para qualquer pessoa, o acesso aos quartos do alojamento é algo restrito e que requer um maior reconhecimento do ambiente. Cientes, contudo, que diferentes lugares possibilitam determinados usos de bens simbólicos ou materiais (FRANÇA, 2010), optamos por também estudar os rapazes que assistiam à telenovela em seus quartos, uma vez que pretendíamos verificar se havia diferenças significativas nos usos destes estudantes em função do espaço em que se inseriam.

Com o desafio inicial de mapear quartos de alojamento masculino em que assistir telenovela fosse uma prática comum, buscamos em nossa rede de amigos do alojamento uma forma de reconhecimento inicial dos ambientes a serem estudados. Tomando cuidado para não adentrar lugares em que visivelmente éramos estranhas sem a presença e o apoio de indivíduos-chave (FOOT-WHITE, 1990 apud ABREU, 1996), usamos indicações de amigos noveleiros para “localizar indivíduos que não estão previamente agrupados em um mesmo lugar de trabalho ou moradia” (ABREU, 1996, p.168).

Como sempre moramos no alojamento – desde que ingressamos no curso de Comunicação Social na UFRRJ, em 2010 – e já tínhamos uma rede de conhecidos relativamente grande na universidade, tivemos certa facilidade de adentrar o convívio destes jovens universitários, na medida em que também compartilhávamos deste

⁹ Sempre aparentando incomodado com nossa presença, justamente esse jovem sempre chegava no horário em que a novela ia começar e se sentava no primeiro banco. Durante os catorze dias de pesquisa, ele apenas esteve ausente uma única vez.

circuito ruralino, onde as pessoas acabam se conhecendo “de vista” e se cumprimentado. Ainda assim, cientes de que marcadores de diferença, como idade, sexo e raça podiam interferir na relação intersubjetiva da pesquisa (ABREU, 1996), buscamos atenuar ao máximo estas diferenças através de uma imersão em campo sempre acompanhada da tentativa, mais fidedigna possível, de uma aproximação com o modo de viver, falar e de vestir destes universitários.

Assim, para as linhas que se seguem, apresentamos notas coletadas durante o processo de observação etnográfica vivenciado em um dos quatro quartos do alojamento masculino em que estabelecemos imersão no campo durante um período de 14 dias seguidos. Do mesmo modo como fizemos com o grupo da Sala de TV, mesclaremos a experiência etnográfica vivenciada nesse espaço com os dados coletados a partir da aplicação do questionário, o que nos permitirá desmembrar os principais elementos que aproximam e também divergem dos hábitos estabelecidos pelo primeiro grupo analisado. É válido destacar também que as falas e informações dos estudantes aqui reproduzidas foram extraídas ao longo da pesquisa, sendo que eles estavam cientes de que elas seriam utilizadas para pesquisa.

15 de outubro de 2014, 19h55. Estávamos no hall dos alojamentos quando um amigo chegou. Animado, veio nos contar que nos levaria a um quarto novo, indicado por um conhecido de andar. Até então, com a ajuda de dois amigos assumidamente noveleiros, já tínhamos visitado três quartos em que alguns moradores assumiam gostar de novela, mas esse ele garantia que era diferente: todos os rapazes do quarto paravam para assistir aos capítulos juntos¹⁰.

Adentramos o quarto dos rapazes um pouco antes de a novela *Império* começar. Três estudantes já estavam esperando nossa visita, que tinha sido anunciada por esse amigo. A televisão, situada ao centro, estava ligada e sem cerimônias fomos recebidos com espontaneidade pelos três estudantes de Agronomia.

“Fiquem à vontade para perguntarem o que quiser. Aqui todo mundo gosta de novelas”, exclamou Erinaldo, um dos moradores do M3-333, de forma descontraída.

¹⁰ Até então tínhamos conhecido rapazes que assistiam à novela em seus quartos sozinhos ou com amigos, mas que – de fato – não partilhavam o mesmo gosto com colegas do quarto. Chegamos a perceber nesses ambientes que, não raras vezes, esses rapazes eram motivos de “brincadeiras leves” por assumirem aos colegas de quarto o gosto pelo formato.

Erinaldo tem 22 anos e é estudante do 6º período de Engenharia Agrônômica. Vindo do interior de Minas, ele relata que a telenovela faz parte de sua vida desde a infância, quando acompanhava os capítulos com a família:

“Telenovela pra mim é coisa pra família toda. Lá em casa sempre foi assim e aqui no alojamento também. Aproveito que ela passa num horário em que geralmente estou livre e chamo os amigos pra assistir comigo” (ERINALDO GOMES, 6º período de Agronomia).

“Quando dá, a gente chama o pessoal do corredor também”, completa Lineker aos risos. “Aqui no andar somos todos uma família. Família M3, 3º”, finaliza, fazendo referência ao andar em que moravam.

Enquanto conversávamos, as cenas passavam. Percebíamos que os três interagiam bastante e que, pelo menos na aparência, não se incomodavam com nossa presença. Comentários do tipo “aquela atriz é muito bonita” ou “não estou gostando da interpretação desse ator” aconteciam de maneira quase espontânea. Em certo momento da trama, o casal Maria Ísis (Marina Ruy Barbosa) e José Alfredo (Alexandre Nero) discutem a relação depois que a mocinha diz ao comendador se incomodar pelo fato de ele apenas ir visitá-la para que fizessem sexo. Já tinha ouvido deles que achavam interessante essa novela abordar como um homem pode ser capaz de construir sua própria riqueza sem ter nascido em berço de ouro. Percebemos, contudo, que aquela cena chamou a atenção dos rapazes, ao mesmo tempo em que deixou no ar certo quê de constrangimento. Após alguns minutos de silêncio, Carlos Ferreira (41 anos, Nova Iguaçu/RJ) interfere e diz não gostar de alguns dramas que as novelas costumam acentuar:

“Assisto novelas para descontrair e, por isso, prefiro novelas de comédia e sem muitos exageros com personagens. Tem certos dramas que não gosto muito, por isso ainda prefiro novelas como *O cravo e a rosa* e *Roque Santeiro*” (CARLOS FERREIRA, 6º período de Agronomia).

“*Avenida Brasil* também foi super legal, vai. O modo como a história foi contada, o enredo e os personagens foi bem bacana”, complementou Lineker dos Santos (25 anos, Volta Redonda/RJ, estudante do 8º período de Agronomia).

Deste momento em diante, o gancho que cena suscitou fez com que novela acabasse servindo de pano de fundo para outras discussões. Tentamos sutilmente retomar algumas questões abordadas na incômoda discussão entre Maria Ísis e José Alfredo, uma vez que elas refletiam sobre os papéis sociais entre homens e mulheres em uma relação afetiva¹¹, mas não obtivemos sucesso. Através da dica de que não gostavam de dramas exagerados, percebemos que evitavam o assunto a fim de não polemizar suas críticas. Assim, novelas que os marcaram, como *Senhora do Destino*, *O Rei do Gado* e *Avenida Brasil* foram sendo citadas, assim como alguns temas que eles gostavam e que lhes despertavam interesse. Deixamos o quarto dos rapazes assim que a novela terminou.

Do mesmo modo como fizemos na apresentação da sala de TV, acima apresentamos a amostra típica dos vários momentos que pudemos presenciar com os rapazes do alojamento. A escolha por esse dia e grupo específicos se deu pelo fato de ter sido a data em que fomos apresentadas a todos os moradores de um quarto que se reunia para assistir à telenovela. Ocorrida, portanto, em meio ao cotidiano daquelas pessoas (MALINOWSKI, 1984) elas representam parte de uma série de 14 dias que pudemos assistir à telenovela junto aos rapazes do alojamento. Também como feito com os rapazes da sala de TV, posteriormente à pesquisa de campo foi aplicado um questionário com 15 perguntas fechadas, a fim de complementar os dados que a observação de campo não foi capaz de captar (MALINOWSKI, 1984).

Desta feita, com o dobro de noveleiros assumidos, ou seja, 80% dos entrevistados, percebemos que os rapazes do alojamento formam um grupo mais articulado, em que é comum amigos de quarto e corredor se juntarem para assistir à trama. A maioria dos estudantes vem de outros estados (66,7%) e nenhum é da cidade do Rio de Janeiro¹². A quase totalidade do grupo afirmou que já assistia ao formato antes de estudar na UFRRJ (93,3%). Sendo, pois, a família uma mediação importante, é interessante notar como a cultura familiar reflete, de certa forma, nos hábitos televisivos

¹¹ Na ocasião, Maria Ísis vivia o drama interior de não se sentir bem por ser sustentada por um homem rico que lhe dá de tudo. Ela desabafa com o amado o fato de se incomodar por não fazer nada de produtivo na vida, a não ser esperar a chegada do amante – sempre imprevisível – para que eles tenham relações sexuais. Ao final da cena, a mocinha é consolada pelo comendador, que lhe promete arrumar um emprego em troca da promessa de que ela nunca o largaria ao se tornar independente financeiramente.

¹² Os outros 33,3% são do interior do Rio de Janeiro.

dos rapazes que, mesmo entre aqueles que não têm o costume de sentar para assistir TV com a família (61,5%), acabam criando laços afetivos com os conteúdos midiáticos.

Somado a isso, tomando a questão da comodidade e do conforto como um dos principais motivos para não irem para a sala de TV, os rapazes do alojamento destacaram a questão do silêncio, da privacidade e da tranquilidade como grandes diferenciais para a preferência em assistir televisão no quarto. Nesse sentido, esses rapazes encontram no hábito uma forma de passar o tempo e também de descanso depois dos estudos.

Longe de um costume isolado, contudo, olhar para a multiplicidade de gostos e usos de todos aqueles estudantes frente à telenovela é considerar o lugar de destaque que a telenovela ocupa em nossa sociedade (LOPES, 2002, MOTTER, 2004). Afinal, ao combinar elementos melodramáticos com temáticas realistas, a telenovela brasileira se destaca por sua capacidade de produzir referenciais importantes para a atualização do conceito de nação e de identidade nacional (LOPES, 2002) e, não sem causa, é apropriada por diversos segmentos sociais, geracionais e regionais (MOTTER, 2004)

Considerações finais

Inicialmente pensadas para atingir o público feminino¹³ (MIRA, 2003), as telenovelas atualmente se destacam como um produto compartilhado por um público nacional composto por homens, mulheres e crianças em todos os grupos sociais e locais do território nacional (LOPES, 2002). Seja pela inclusão de novas temáticas em seus enredos (ALMEIDA, 2002) ou mesmo pelas mudanças nos papéis sociais de homem e mulheres (SOUZA, 2012), o fato é que elas desempenham um papel de destaque para a compreensão dos fenômenos urbanos contemporâneos em nossa sociedade, na medida em que – mais do que somente vistas – são comentadas e vividas por seus telespectadores, que criam um interminável repertório oral, e lhe conferem um caráter mobilizador, capaz de fomentar debates acerca da cultura, da sociedade brasileira ou mesmo da identidade nacional (LOPES, 2002).

¹³ Afinal, originalmente inspiradas em narrativas dos jornais franceses, Mira (2003) argumenta que as telenovelas refletem toda uma construção social que remonta o final do século XVIII, quando os homens se ocupavam com seus negócios e trabalhos fora do lar, enquanto algumas mulheres das camadas alta e média da Europa já começavam a estabelecer a sua relação com o romance.

Indo além dos limites do entretenimento e da distração, pensar a telenovela é de certa forma, considerar também acerca do lugar social ocupado pela própria televisão, enquanto espaço de produção e divulgação cultural (MALCHER, 2002). Na tentativa, então, de fomentar o debate e a produção acadêmica sobre o tema, este trabalho procurou iluminar algumas questões iniciais sobre a relação estabelecida entre a telenovela e o público masculino, haja vista a pouca bibliografia dedicada ao estudo da relação entre telenovela e este público em específico. Desta feita, a partir de um estudo de caso realizado com estudantes universitários buscamos analisar como, em um universo acadêmico, se constroem formas de interação e de amizade a partir desse formato televisivo.

Rompendo expectativas, a pesquisa revelou a individualidade disfarçada em uma prática aparentemente coletiva e a coletividade que se esconde nos limites do quarto do alojamento. Tendo o interesse pelo tema surgido na observação do hábito dos estudantes do sexo masculino que se reúnem para assistir à telenovela num ambiente do alojamento feminino foi uma surpresa notar que foram eles os primeiros a negar a relação com o formato. Por outro lado, desfazendo, mais uma vez, os pré-conceitos e expectativas em relação àqueles cuja prática não é visível aos olhos, também não cogitávamos a hipótese de que os rapazes do alojamento que, reservados em seus quartos, não fazem do hábito algo sensível aos nossos sentidos, seriam os que mais compartilhariam e discutiriam o tema com os amigos e conhecidos.

Surpresas à parte, inúmeros foram os obstáculos com os quais a pesquisa foi se deparando ao longo do caminho. Entre a dificuldade de trabalhar com as subjetividades e a necessidade de tentar encontrar o sentido de uma prática já consolidada entre o público masculino da Universidade Rural, deparamo-nos também com uma grande resistência em se falar sobre o tema, mesmo entre aqueles que parecem se identificar com o formato e estão sempre em frente à televisão no horário da novela. Talvez devido à insegurança em demonstrarem seus gostos, o receio de serem taxados como femininos ou até por vergonha de exporem seus pensamentos, apenas dois rapazes, de um total de 30 da sala de TV, se dispuseram a discutir sobre o assunto. Falar em telenovela com o público masculino é, neste sentido, ainda um tabu.

No tocante aos resultados coletados, sabemos, eles ainda são muito fragmentados e incipientes. Com uma amostra reduzida e, ao mesmo tempo diversa, ainda sim foi

possível mapear nas respostas dos rapazes certa linha tênue que os une em suas particularidades e diferentes maneiras de dar sentido ao que assistem na novela. Assim, entendemos que, tendo uma relação afetiva com a novela que, na grande maioria das vezes, vem de casa, o hábito destes estudantes de consumirem o formato é algo que está impregnado nas raízes da cultura brasileira. Sendo, ao mesmo tempo, um ato individual e coletivo, na medida em que reflete não somente um gosto pessoal, mas também uma prática cultural já estabelecida em todo o país, não acreditamos ser possível pensar o costume destes estudantes como algo fechado em si mesmo.

Historicamente marcadas pelo imaginário de nação brasileira (LOPES, 2003), as telenovelas se fazem presente na vida de milhares de pessoas que, todos os dias, acompanham o desenrolar de seus capítulos. Assim, por trás desse hábito aparentemente justificado por um contexto específico, é interessante pensarmos como, longe de ser um ato totalmente isolado, essas diferentes posturas e apropriações por esses estudantes diante da telenovela refletem também o papel de destaque que o melodrama ocupa na América Latina como um todo (MARTÍN-BARBERO, 2001). Prova disso foi a constatação da importância familiar enquanto unidade básica de audiência e de reconhecimento para a grande maioria desses estudantes.

No que se refere às especificidades da UFRRJ, considerando também os desgastes físicos e psicológicos a que os estudantes que vivem e moram no alojamento estão cotidianamente expostos, acreditamos que a novela acaba sendo, para estes rapazes, como que um refúgio depois de um dia de estudos e estágios, um momento em que eles realmente relaxam e conseguem, quiçá, esquecer-se de seus problemas por um instante. Desta forma, apresentada como uma extensão dos sentidos dos telespectadores, entendemos que o estudante que se rende às cenas acaba transferindo, para a trama de ficção, o prazer da realização dos sonhos e anseios que, muitas vezes, fogem de seu cotidiano.

Por fim, cientes de que o assunto é múltiplo e bem mais complexo do que nosso entendimento pode alcançar, sabemos que tudo o que pudermos falar sobre o assunto não passa de apontamentos sobre o tema. A par de que com todo o trabalho, em nosso campo de visão ainda figura apenas a ponta do *iceberg* do qual nossa limitação consegue enxergar, mesmo porque em se tratando de subjetividades não existe uma “verdade absoluta”, ainda assim é curioso pensarmos na ironia de, em uma sociedade

em que futebol e telenovela são tidos como símbolos da identidade nacional destinados a públicos tidos como distintos, a telenovela se faz capaz de dividir a preferência com o esporte no contexto de um público especificamente masculino, como observado entre os estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Referências

ABREU, Regina. Relatos de quem colhe relatos: Pesquisas em História Oral e Ciências Sociais. **DADOS**, Rio de Janeiro, Vol.39, n.1, 1996, p. 163–179.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Melodrama Comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.19, p. 171-194, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a08.pdf>. Acesso em 19/10/2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: SchwarczLtda, 2009 [1983].

CARRETEIRO, Layara. **Recepção e Mediação na Telenovela Brasileira**: Primeiras Perspectivas (11 p.). Artigo publicado como paper digital para a II Conferência Sul-Americana e VII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã (Belém – PA). Mídia Cidadã, 2011. Disponível em: http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc_artigos/Midia_Cidada_Carreteiro.pdf. Acesso em: 22/08/2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias. **Ciberlegenda – Revista Científica do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, n.7, p.1-9, 2002.

FELDMAN-BIANCO, Bela. “Prefácio à 2ª edição” e “Introdução”. In: **Antropologia das sociedades contemporâneas**: Métodos. São Paulo, Unesp, 2010.

FRANÇA, Isadora. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela.(ed). **Antropologia das sociedades contemporâneas**: métodos. São Paulo: Unesp, 1987.

JACKS, Nilda; SILVA, Lourdes Ana Pereira. Novas implicações nos estudos de recepção de telenovela. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009 **Anais**, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0866-1.pdf>. Acesso em: 16/07/2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n.25, p.17-34, jan/abr 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Narrativas televisivas e identidade nacional: o caso da telenovela brasileira**. Artigo publicado como paper digital para o XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Salvador-BA). Intercom, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/dee0dd0cbfe2629590b91abca6e57973.pdf>. Acesso em 22/08/2013.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. SP: Abril Cultural, 1984.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MOTTER, M. L. Mecanismos de renovação do gênero telenovela: empréstimos e doações. In: LOPES, M. I. V. de. **Telenovela: interacionalização e interculturalidade**. São Paulo, Loyola, 2004. (p. 251-291).

SOUZA, Cíntia Ferreira de. Representação social do homem nas telenovelas. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012, **Anais**, Ouro Preto, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0255-1.pdf>. Acesso em: 14/04/2014.